

FEMINISMO ANARQUISTA E INTERSECCIONALIDADE: ETNOGRAFIA DA MARCHA DAS VADIAS DE FLORIANÓPOLIS/SC EM 2014¹

Nathália Dothling Reis²

RESUMO

A primeira *Slut Walk*, como foi chamada no inglês a Marcha das Vadias, ocorreu no ano de 2011 na cidade de Toronto no Canadá em decorrência de declarações de um policial acerca dos abusos sexuais ocorridos na universidade. Este afirmou que se as mulheres não quisessem mais ser estupradas deveriam deixar de vestirem-se como vadias. Em função da propagação na *internet* a Marcha ganhou enorme proporção, tomando as ruas de diversas cidades do mundo e do Brasil. Em Florianópolis ela já ocorreu em quatro anos consecutivos, 2011, 2012, 2013 e 2014. Apesar de ocorrer em diversas cidades do mundo inteiro e ter algumas palavras de ordem em comum, as Marchas têm suas especificidades em cada local. Em Florianópolis nota-se, através da observação das mensagens nos cartazes e corpos e de símbolos em camisetas, uma grande influência do pensamento anarcafeminista. Mas de que anarcafeminismo estaríamos falando? Seria exatamente uma cópia do pensamento de mulheres anarquistas de atuação no final do século XIX e início do século XX ou haveria alguma particularidade contemporânea? O que levaria mulheres tão distintas a se autoafirmarem feministas anarquistas? Com base em textos de Emma Goldman, importante anarquista feminista de origem lituana e atuação nos Estados Unidos no século XX, na experiência do grupo anarcafeminista *Mujeres Libres* na Espanha, nos estudos atuais sobre interseccionalidade, na perspectiva anarquista interseccional e nas observações participantes nas reuniões organizativas da Marcha das Vadias de Florianópolis de 2014 e no ato que ocorreu no dia 24 de maio de 2014, este artigo pretende analisar como se dá a influência desses pensamentos no movimento da Marcha das Vadias na cidade de Florianópolis.

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

² Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq no Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS)/UFSC.

Palavras-chave: Feminismo anarquista, interseccionalidade, Marcha das Vadias, anarquismo interseccional.

1 FEMINISMO ANARQUISTA

Embora existam muitos tipos de anarquismos e muitas divergências de pensamento dentro da anarquia, um ponto em comum é encontrado: anarquia é ausência de governo e luta por uma ordem igualitária na qual exista liberdade. A Igreja e o Estado, com suas instituições tais quais exército, polícia, etc, são consideradas desde os primórdios da anarquia as principais fontes de todo tipo de autoridade. E é exatamente por se constituir na luta contra qualquer tipo de autoridade e dominação que as divergências são encontradas dentro do anarquismo, já que ele não pode se tornar um dogma a ser seguido. Embora contenha pensamentos muito bonitos de liberdade, contra qualquer tipo de autoridade, dominação e exploração, quando pensamos na questão das mulheres, encontramos algumas ideias misóginas, ausência ou interesse secundário na emancipação feminina (TOMASSI, 1988).

Proudhon, por exemplo, tinha ideias machistas em relação às mulheres. Ele acreditava que a função social da mulher estava limitada à geração e cuidado de filhxs e à manutenção do lar e que ela era inferior ao homem moral, física e intelectualmente. Essas ideias influenciaram muitos anarquistas no meio anarco-sindicalista espanhol, brasileiro, entre outros, que acreditavam que o papel da mulher na revolução era o de manter bem o lar e cuidar do marido, para que este tivesse sua participação na luta social facilitada (BARROS, 1979).

Bakunin, pelo contrário, defendia a total igualdade entre homens e mulheres e reivindicava deveres e direitos iguais para ambas/os. Pelo menos a nível teórico, essa era a postura que predominava entre anarquistas (BARROS, 1979).

Kropotkin sempre se mostrou a favor da educação igual para mulheres e homens. Denunciava que o autoritarismo burguês pesava sempre sobre os mais débeis, ou seja, o povo e as mulheres. Para os homens a educação era subalterna e para as mulheres estúpida e fria. Conta que na Rússia, muitas mulheres, impedidas de aceder às universidades, se uniam no intuito de criar escolas privadas para elas e lutavam pela instrução popular (TOMASSI, 1988). Em todos seus escritos defendia uma nova sociedade onde as mulheres e os homens fossem iguais e a educação oferecida para elxs também. Em *A conquista do pão* ele fala claramente que a revolução do povo não

poderia ocorrer sem a emancipação das mulheres, pois se isso acontecesse ainda faltaria uma parte da sociedade por rebelar-se. Criticava muitos anarquistas de lutarem pela liberação do gênero humano, mas não incluir a mulher nesse sonho de emancipação. Ele dizia que liberar à mulher era deixá-la livre do trabalho embrutecedor da cozinha e da casa, era permitir-lhe que, se fosse de sua escolha, educasse seus filhos, mas com tempo para participar na vida social. De acordo com ele:

Saibamos que uma revolução que se embriague com as belas palavras de Liberdade, Igualdade e Solidariedade, mantendo a escravidão do lar, não será revolução. A metade da humanidade, sofrendo a escravidão do forno de cozinha, teria ainda que rebelar-se contra a outra metade (KROPOTKIN, 1892[2008], p. 128, tradução minha).

Apesar de defender a emancipação das mulheres, sabe-se que certa vez, Kropotkin travou uma grande briga com Emma Goldman, importante anarcifeminista nascida na Lituânia e de atuação no final do século XIX e início do século XX nos Estados Unidos. Ela era sua amiga, companheira de luta e grande admiradora. Elxs estavam reunidos em Londres e Kropotkin criticou um jornal anarquista inglês chamado “Free Society”, dizendo que estavam fazendo um maravilhoso trabalho, porém, se preocupavam de forma exagerada com a questão sexual, o que para ele era uma perda de tempo. Emma conta em sua biografia que Pedro, como o chamava, disse que a igualdade entre mulheres e homens nada tinha que ver com o sexo, pois era uma questão de cérebro; elas e eles deveriam se igualar intelectualmente. Emma se exaltou muito e se esforçou para convencer-lhe do importante que era a questão da sexualidade para a emancipação das mulheres e em um momento disse-lhe que talvez quando ela estivesse velha como ele já não se importasse tanto com a questão sexual, mas que agora o fazia e que milhares de jovens também. Kropotkin sorriu e disse que ao final, talvez, ela tivesse razão. A discussão acabou por ali com os dois sorrindo (MENDES, 2010; GOLDMAN, 1928-1931[1996]). A discussão mostra que mesmo entre os anarquistas com boas intensões em relação à questão das mulheres predominava certa ignorância em relação ao que elas realmente necessitavam; cabia às mulheres tomar voz nessa luta.

Também dentro da *Confederación Nacional del Trabajo* (CNT), sindicato livre anarquista espanhol, que atua até os dias de hoje, as mulheres anarquistas começaram a se dar conta que deveriam assumir a luta por sua própria emancipação, já que seus companheiros homens não tinham a total noção dos problemas que atingiam às mulheres. O pensamento que predominava na CNT provinha de Bakunin e defendia que

a emancipação das mulheres se daria com sua total incorporação ao trabalho assalariado e com a organização destas dentro dos sindicatos, assim como os homens. Acreditavam que só assim mulheres e homens teriam deveres e direito iguais e que, portanto, seriam iguais. No entanto, as mulheres que participavam da CNT e alguns homens, percebiam que o problema das mulheres não era só a exploração que sofriam no trabalho, era muito mais profundo que isso, tinha que ver com problemas sócio-culturais e com a desvalorização destas e com suas atividades sempre mediadas por instituições como a família e a Igreja (ACKELSBURG, 1999). Diante dessas divergências e também do advento da Guerra Civil Espanhola e a negação por parte da maioria de companheiros homens da CNT para a participação direta das mulheres na guerra, muitas mulheres anarquistas, pertencentes ao sindicato, decidiram formar o grupo *Mujeres Libres* advindo da experiência da revista de mesmo nome em Madrid, antes da Guerra Civil. Durante a guerra, vários homens anarquistas diziam que as mulheres ajudariam cozinhando nas linhas de frente e cuidando dos feridos. No entanto, muitas mulheres queriam pegar nas armas e lutar como os homens e foi o que as *Mujeres Libres* fizeram. Estiveram sempre em situações de conflito com a CNT e outras organizações anarquistas. Elas tentaram por diversas vezes que o grupo tivesse mais autonomia, como outros grupos existentes na CNT como a FAI (*Federación Anarquista Ibérica*) e a FIJL (*Federación Ibérica de Juventud Libertária*), mas foram sempre impedidas de que isso ocorresse. Encontraram muita resistência para seu reconhecimento enquanto grupo da CNT, principalmente por parte da FIJL, que chegou a criar um secretariado feminino para competir com *Mujeres Libres*. Mesmo assim, elas nunca quiseram sair da CNT, nem abandonar sua luta pelo anarquismo; “o que quiseram foi incorporar aqueles aspectos sociais referidos às relações entre os gêneros, desde a autonomia das mulheres, para, se quisessem, enriquecê-lo e aperfeiçoá-lo” (BARRADO, 2003, p.128).

Mesmo com a existência de todos esses conflitos, no final do século XIX e início do século XX algumas mulheres e homens dentro de movimentos anarquistas no Brasil e no mundo acreditavam que a emancipação sexual e moral da mulher, além da libertação econômica, contribuiria para a transformação social que o anarquismo esperava, já que consideravam que a subordinação da mulher não era só econômica, mas também cultural e mediada por instituições como a Família e a Igreja (ACKELSBURG, 1999; BAIGORRIA, 2006).

As mulheres anarquistas desempenharam o papel de criticar os grupos nos quais estavam inseridas buscando levar a questão da emancipação das mulheres para estes

movimentos. Além disso, elas não se identificavam com o feminismo da época, pois o viam limitado à luta pelo voto e muito branco e burguês. Dessa forma, estariam antecipando argumentos da interseccionalidade (SHANNON e ROGUE, s/d).

2 TRABALHO DE CAMPO: MARCHA DAS VADIAS DE FLORIANÓPOLIS EM 2014

Com intuito de realizar a presente pesquisa, comecei a participar como organizadora e pesquisadora das reuniões de organização da Marcha das Vadias de Florianópolis no ano de 2014. Além disso, também participei de todas as outras atividades que antecipavam o ato, como rodas de conversa, cine-debates, oficinas de pintura em camisetas e cartazes, panfletagens, vendas de camisetas e outros artesanatos feministas. Com isso pude me aproximar dxs organizadorxs da Marcha em Florianópolis na busca de entender melhor suas ações e pensamentos.

Na primeira reunião em que participei fomos oito mulheres, mas depois algumas desapareceram ou apareceram poucas vezes em atividades de organização da Marcha. Ainda assim, com a soma de outrxs um pouco mais pra frente, efetivamente fomos 9 pessoas, contando comigo, xs que organizamos a Marcha das Vadias de Florianópolis no ano de 2014.

Luce foi a primeira que se apresentou; estudante do doutorado em História na UFSC, pesquisa um grupo de mulheres anarquistas da atualidade na Bolívia. Nordestina do Ceará, 26 anos, não-branca, vegetariana. Identificou-se desde o primeiro dia como feminista anarquista e sempre falava bastante. De fato tem como dom a oratória e sempre exprime muito bem suas ideias. Num dos encontros que tive com elas, depois do dia da Marcha, perguntei a ela como a anarquia havia chegado em sua vida, ao que ela me respondeu:

[...] Eu não sou uma menina branca de classe média como às vezes escuto dizerem. Eu sou nordestina. Minha mãe e meu pai passaram fome. Eu não passei porque meus pais sempre trabalharam. Minha mãe é costureira, meu pai metalúrgico. Mas eu cresci sempre sabendo no supermercado o que eu podia comer e o que eu não podia. Eu estudei sempre em escola particular, mas porque a empresa do meu pai dava bolsa pro filho mais novo da família estudar numa escola particular. Talvez isso tenha me ajudado a estar hoje no doutorado. Meus irmãos, por exemplo, não tiveram isso, tiveram que trabalhar bem cedo. Eu não tive, eu pude estudar. Eu era skatista quando adolescente e adorava os meninos skatistas, mas eles nunca queriam nada comigo. Eles queriam as meninas mais “femininas” do que eu. Eu andava de roupa de skatista, tudo largo. Isso me dava muita raiva! Acho que foi aí que o

feminismo começou a despertar na minha cabeça. O feminismo veio muito antes na minha vida que a anarquia. Eu ia cada vez me interessando mais. Mas com 17 anos tive a oportunidade de ler um livro de uma feminista anarquista uruguaia e aquilo fez muito sentido pra mim. Eu entrei na faculdade já sendo feminista chata, incomodando. (Risos) Aí bem no comecinho teve um congresso anarquista na faculdade no Ceará. Eu já estava estudando história lá. Foi aí que eu conheci duas anarquistas da Paraíba, que vieram pro congresso. Eu tinha sido feminista desde cedo, e essas coisas de ser contra o Estado, instituições faziam sentido ao longo de minha vida. Quando entrei em contato com o anarquismo, vi que era isso. Ele completava o feminismo que eu acreditava. Vi que anarquia e feminismo tinha tudo a ver. Assim como você (dizendo pra mim) não virei anarquista porque li um monte de livros, claro que eu fiz isso depois e sigo fazendo; mas virei feminista e anarquista pelas experiências da minha vida. Elas me levaram a isso. Por isso me considero sim, feminista anarquista, porque o feminismo veio muito antes que a anarquia na minha vida.

Do grupo também fazia parte Isabel; graduanda em História na UDESC, 23 anos, branca, vegetariana e de Florianópolis. Desde as primeiras conversas disse que se considerava feminista anarquista e não anarcafeminista, pois o feminismo havia chegado antes da anarquia em sua vida. Certa vez, numa oficina de *stencil* sobre camisetas, conversamos bastante, na verdade houve uma troca de histórias. Eu contei pra ela um pouco da minha trajetória até me reivindicar anarcafeminista e ela me contou da sua. Ela contou que fez intercâmbio por um ano na França, quando estudava relações internacionais e que há pouco tempo foi pra Escócia visitar uma amiga e viajar. Foi daí que tirou o tema do TCC, que estava escrevendo na época, sobre ultra-direitistas nacionalistas na Escócia. Disse que estava estudando “os inimigos”. Perguntei se ela era anarquista antes da universidade e de viajar e ela me respondeu:

Não. Antes eu era de esquerda e feminista, mas não me encontrava no marxismo. Aqui, sabe, eu sempre morei em bairro de classe média alta e estudei em escolas particulares. Na França eu morei em bairro de imigrantes e foi aí que eu comecei a perceber muitas coisas, a observar as ações da polícia. Quando voltei pro Brasil eu quis ler bastante sobre anarquismo antes de me auto-afirmar anarquista. Antes de viajar e ser feminista anarquista eu via na universidade apenas um lugar pra conseguir um diploma e trabalhar, mas depois eu passei a ver na universidade um meio de luta.

Outra das vadias era Áurea, caloura da Geografia na UFSC, 18 anos, lésbica, branca, vegana³. Considera-se feminista anarquista e no mesmo dia em que conversava isso com Luce ela nos disse sobre isso:

Não sei dizer como virei anarquista. É muito recente pra mim. Não sei. Vejo vocês falando tão claro de como tudo aconteceu e não consigo saber pra mim. Sei lá, eu vivi esse processo de saída da pobreza de uma grande parte de

³*Vegan* é um movimento político que começou na Inglaterra e vem tomando conta do planeta. Vegana é a pessoa que não consome nenhum produto alimentício (ou não) de origem animal.

brasileiros e que é recente. Eu nunca imaginei que minha mãe ia ter um carro e hoje em dia ela dirige e tem carro. Nunca pensei que isso ia acontecer. É muito estranho ver minha mãe com dinheiro. Quando eu era pobre era foda. Eu sempre estudei em escolas que minha mãe trabalhou, porque ela é bibliotecária. Então era aquela coisa: ah, a menina pobre bolsista. O feminismo não sei, meu pai é muito machista. Ele surfava, tinha fábrica de pranchas. Largava minha mãe cuidando de mim nos finais de semana e ia por aí surfar. Eu sempre fui bissexual. Mas aí depois vi que gostava mais de meninas. Com minha mãe tudo bem, mas meu pai não. Quando contei pra ele que era lésbica ele me disse: ah, sorte sua que você não é menino, porque senão eu te dava um pau. Acho que é isso, ser feminista, anarquista, tem muito a ver com o que eu vivi e com o fato de eu ser lésbica.

Outra vez, antes dessa conversa, quando estávamos expondo as camisetas que pintávamos para vender e arrecadar dinheiro pra Marcha na feirinha da Lagoa da Conceição⁴, Áurea falou um pouco sobre ser anarquista. Me lembro que outra companheira da organização havia gostado de uma blusa na qual havíamos pintado o símbolo anarcafeminista, mas não se sentia muito à vontade em usar esse símbolo. Áurea disse nessa vez:

Eu também tinha dificuldade a princípio de dizer se eu era ou não anarquista. Hoje eu sinto que sim. Na verdade eu me tornei anarca convivendo com as meninas que organizavam a Marcha no ano passado. Quase todas eram, elas iam falando das coisas, são pessoas muito legais, que são minhas amigas hoje e eu fui aprendendo.

Dentre as organizadoras da Marcha de 2014 estava Pilar, 26 anos, branca, lésbica, vegetariana, mestranda na Educação Física da UFSC, mas sempre muito envolvida nos estudos de gênero. Ela era a mulher que eu havia visto em 2013 com a camisa branca com o símbolo anarcafeminista pintado em preto. Sempre bastante calada, era difícil saber o que pensava. No entanto, desde o primeiro dia, se auto afirmou feminista anarquista. Sobre isso me disse certa vez:

Eu passei a buscar e reivindicar um feminismo enquanto feminismo mesmo, antes que o anarquismo. Eu tinha discussões gigantes dentro de casa com pai e mãe por causa da divisão das tarefas domésticas. Minha mãe era a "chefe da família" pra mim, por mais que nunca tenha reivindicado isso e até tenha tentado negar e esconder... porque ela era a pessoa que trabalhava fora (professora efetiva da rede municipal). Meu pai era autônomo, mas a meu ver trabalhava como, quando e com o que queria. E eu não entendia porque minha mãe tinha que se matar de trabalhar fora e dentro de casa. [...] Outro fator foi que eu gostava muito de esportes... e ali pelos 13, 14 anos comprei um skate. Minha mãe ficou dois dias sem falar comigo. Hoje ela diz que tinha medo que eu me envolvesse com os guris que andavam (clássica associação skate-drogas...), mas nada tirou da minha cabeça que ela ficou chateada porque aquilo era atividade masculina. Então, por mais que eu não me chamasse de feminista até aí, quand a palavra surgiu - e nem me lembro como foi - eu super a assumi. Tinha a ver com essa coisa de "meninas e

⁴Bairro da cidade de Florianópolis.

meninos podem sim fazer as mesmas coisas". Aí, vem o imbricamento skate-música. eu curtia ouvir rock, nos mais variados subgêneros, mas havia uma clara inclinação pro punk... eu vinha de uma família que se esforçava (e ainda se esforça rs) ao máximo pra ser de comercial de margarina, eu estudei 14 anos em colégio católico, e a única pessoa negra nessa escola era minha amiga do pré. Que só estudou lá no pré mesmo. E tanto em casa como no colégio era deus pra tudo quanto é lado... eu ia a missa uma vez por semana... foram 4 anos de catequese... aqueles feriados católicos de "não pode ouvir música alta, não pode andar de patins nesse dia", procissões... enfim... e eu percebia que o punk criticava tudo isso e eu ficava feliz por isso. Mas enfim, até aí não tinha internet... não tinha tv a cabo... então o acesso a tudo isso era muito limitado. [...] Fiz 15 anos e troquei o baile de debutantes por uma bicicleta. Minha vó não se conformou, porque eu fui a primeira entre filhas e netas que não quiseram debutar. Aí eu pedi pra ela um computador já q ela queria tanto gastar com uma festa inútil (risos) e ela me deu. Logo em seguida meus pais colocaram internet e dos 15 aos 17 anos minha vida foi entre skate, leitura feminista e punk rock, principalmente de meninas, e riot grrrl⁵ e tal... [...] Comecei a procurar informações sobre o anarquismo; lembro de ter baixado alguns textos da Emma Goldmann, mas ainda era só uma ideia abstrata admirável. Eu curtia a ideia do voto nulo, da autogestão, do amor livre, e daí juntando ao punk tinha a ideia do *Do it yourself*⁶, da contra-cultura, da resistência; e isso tudo também começa a questionar a minha sexualidade... Então meio que num processo contínuo vinha feminismo, punk, anarquismo, sexualidade e esporte! Com 17 anos vim morar sozinha em Floripa, fazer cursinho, faculdade... e daí isso tudo começou a sair do mundo das ideias... shows de rock/punk, ficar com meninas, andar de visu, estar nas manifestações do passe livre, querer discutir gênero na faculdade, no bar. Mas o anarquismo em si continuava a ser uma ideia não muito compartilhada, que eu só consegui expressar estando junto das pessoas que construíram a marcha das vadias de 2013.

Desde o início estavam também Inés e Simone. As duas foram as únicas a não se declararem feministas anarquistas. Inés, mestranda em História na UFSC, recém chegada de Porto Alegre, 25 anos, branca. Apesar de não se dizer anarquista se mostrava sempre muito interessada no assunto. Já Simone não se mostrava tão aberta para a questão anarquista. Em realidade isso foi motivo de conflitos entre todas nós e ela algumas vezes. Um mês depois de que já tivéssemos começado as atividades de organização da Marcha se juntaram a nós Itziar e Elvira, que já eram conhecidas dxs outrxs organizadorxs por haverem organizado a Marcha no ano de 2013. Itziar, 29 anos, branca, trans, não binária, vegana, doutoranda em Psicologia na UFSC. Se identificava com o transfeminismo, mas também com a anarquia. Elvira, 22 anos, branca, vegana, já começou várias faculdades e atualmente é graduanda de Artes Visuais na UDESC. Também se afirmava feminista anarquista.

⁵Ou riot girl, é um movimento abrangendo fanzines, festivais e bandas de hardcore punk rock e feminismo. A intenção do movimento é informar a mulher de seus direitos e incentivá-las a reivindicá-los. Uma das principais formas além de protestos foi o uso da música.

⁶Do inglês *faça você mesma*, traduz um espírito empreendedor que teria surgido com a cena punk, pós-punk e movimentos underground, revelando ambos os conceitos de Monarquia com o Punk/Pós-Punk inglês, em paralelo a Anarquia dxs Anarcx-punks, que se difundiam na mídia consumista a nível mundial.

E por último eu, filha de um casal heterossexual e com uma irmã mais nova. Juntxs compomos o que podemos chamar de família; uma família negra de classe média alta, mas que sempre se declarou parda no censo brasileiro. Aí residiu uma das minhas primeiras confusões: nunca entendi que cor era essa. Minha mãe e meu pai eram já resultados da miscigenação. O que com isso quero dizer é que a ideia do branqueamento⁷ sempre permeou (e permeia) as relações de minha família. Apesar das violências racistas sofridas durante toda minha vida na escola, que por certo era a escola elitista da cidade e composta por maioria branca, a Identidade Negra sempre me foi negada; mais do que isso, eu não conseguia nem saber que ela existia. Era um sentimento de ambivalência (ANZALDÚA, 1987[2005]; BHABHA, 1998), de não pertencer a um e nem ao outro; de não ser branca e nem ser negra, entendendo-me melhor no que Gloria Anzaldúa chamaria de *la conciencia de la mestiza*.

[...] *la mestiza* é um produto da transferência de valores culturais espirituais de um grupo para outro. Ser tricultural, monolíngüe, bilíngüe, ou multilíngüe, falando um *patois*, e em um estado de transição constante, a *mestiza* se depara com o dilema das raças híbridas: a que coletividade pertence a filha de uma mãe de pele escura? [...] Nascida em uma cultura, posicionada entre duas culturas, estendendo-se sobre todas as três culturas e seus sistemas de valores, *la mestiza* enfrenta uma luta de carne, uma luta de fronteiras, uma guerra interior (ANZALDÚA, 1987[2005], p.705).

Em 2005 entrei no curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina. No começo de 2007 decidi trancar a matrícula para viajar por um ano na Europa. Essa viagem acabou se tornando uma vivência de 4 anos e meio em diferentes comunidades autônomas da Espanha, com viagens a outras partes. Eu que havia passado toda minha vida no Brasil sendo classe média, estudando em um bom colégio, sem assumir uma identidade negra política, não precisando trabalhar nunca e sempre tendo todas as oportunidades necessárias, me vi na Espanha como imigrante, por um tempo ilegal, trabalhadora, negra, mulher, discriminada. E foi no meio de todas essas descobertas identitárias que eu entrei em contato com o sindicato livre anarquista, *Confederación Nacional del Trabajo* (CNT). Foi através dessas experiências de

⁷A ideologia do branqueamento afirmava que misturando negrxs com brancxs haveria um melhoramento biológico dxs primeirxs e, portanto, de toda população brasileira. Uma ideologia que tem o seu auge no Estado Novo de Getúlio Vargas, com a ideia de saneamento, progresso e construção da nação brasileira. A imigração europeia foi estimulada pelo governo com este intuito. Unido a esse ideal do branqueamento está a ideia da democracia racial, estimulada pela literatura, televisão, história e estudos sócio-antropológicos. É a partir dessa ideia que tantxs brasileirxs e estrangeirxs passam a acreditar que no Brasil não existe racismo, visto que com a grande miscigenação resolvemos os problemas de conflitos raciais.

opressão e da militância na CNT e em outros grupos ligados a ela - como a *Coordinadora Antifascista*, preocupada com a questão dxs imigrantes, da xenofobia e em alguns protestos e atividades de grupos feministas anarquistas – que eu me tornei anarquista, feminista, negra, vegana.

Através do campo, da aproximação com xs organizadorxs da Marcha em Florianópolis e da análise de nossas trajetórias, percebo que das 9 organizadoras da Marcha em 2014, incluindo eu, 7 nos declaramos feministas anarquistas. Apesar de sermos todas estudantes universitárias e jovens, há uma multiplicidade de identidades; lésbicas, bissexuais, vegetarianas/veganos, nordestina, negra, transexual não binária. É possível notar que as pautas que compõem a Marcha de Florianópolis não se concentram só nas que a originaram em Toronto, mas vai se configurando em um local de reivindicação dos diversos tipos de mulheres. No entanto, essa diversidade que se configura numa possibilidade gera também conflitos e desafios. Muitas mulheres de movimentos negros acusam a Marcha de ser muito branca e de classe média. De fato, em Florianópolis, a maior parte das participantes são estudantes universitárias e brancas. Mulheres e homens negrxs aparecem ainda de forma minoritária e suas pautas também. Sobre essa questão uma das organizadoras da Marcha, doutoranda em História na UFSC, diz:

As reuniões de construção da Marcha são sempre abertas e chamadas pelo *facebook* a todas e todos e então não sei porque essas pessoas não aparecem. Não estamos interessadas em representar ninguém e nenhum papel. Não estamos saindo no dia da Marcha e tentando parecer-nos às prostitutas e levantar essa bandeira, embora apoiemos a sua luta. A Marcha é feita de quem vem e se representa a si mesma, sua luta (Luce⁸, 26 anos, organizadora da Marcha em Florianópolis).

Com isso, a organizadora traz um argumento importante do anarquismo que é o da autogestão. Ou seja, não necessitar de representantes em forma de pessoas ou governos que falem e façam por outrxs (BAKUNIN, 1873[2006]; KROPOTKIN, 1892[2008]). A questão da representação também é trabalhada nos estudos pós-coloniais. Spivak (2010) sugere duas maneiras de representar, *Vertreten*, colocar-se no lugar da/o outra/o e *Darstellung*, colocar ali. Ela acredita que a representação acaba sendo problemática, pois, normalmente, quem representa as/os outras/os ocupa lugares de dominação, caindo no risco da reprodução de opressões (BAHRI, 2013; SPIVAK,

⁸Nome fictício dado em homenagem à feminista anarquista uruguaia de origem italiana, Luce Fabbri.

2010). De acordo com Bahri (2013), “aqueles que têm o poder de representar e descrever os outros claramente controlam como esses outros serão vistos” (BAHRI, 2013, p.666).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de minha inserção em campo pude notar nos depoimentos e conversas com xs organizadorxs da Marcha das Vadias de Florianópolis em 2014 que a maioria se auto declara feminista anarquista e quando contam como chegaram a esse tipo de feminismo sempre passam pelas diferentes opressões que sofreram e sofrem, como lesbofobia, racismo, transfobia, classismo, machismo, xenofobia, etc. Assim, o pequeno grupo de organizadorxs se caracteriza por uma multiplicidade de identidades que acabou se refletindo nos temas de debates e nas reivindicações expostas pelos cartazes no dia da Marcha. Essa diversidade que se configura numa possibilidade gera também conflitos e desafios. De acordo com Davis (s/d),

O desafio consiste em saber como trabalhar com as diferenças e contradições. A diferença pode ser uma porta criativa. Nós não precisamos de homogeneidade nem de mesmice. Não precisamos forçar todas as pessoas a concordar com uma determinada forma de pensar. Isso significa que precisamos aprender a respeitar as diferenças de cada pensar, usando todas as diferenças como uma "fagulha criativa", o que nos auxiliaria a criar pontes de comunicação com pessoas de outros campos (DAVIS, s/d, p.9).

Apesar das críticas de feministas lésbicas radicais, ou seja, *asradfem* e de mulheres negras, é possível notar que as pautas que compõem a Marcha de Florianópolis vão se transformando devido à diversidade das pessoas que a organizam e das que participam no dia do ato. Dessa forma, percebi que ainda que existam desafios em Florianópolis, como a maior participação de pessoas negras e de outras classes que não sejam as médias, as diferentes identidades que compõem a organização da Marcha e o pensamento anarquista, que visa uma luta contra todo tipo de dominação e autoridade, se configuram em possibilidades de uma luta mais interseccional, ou seja, que não priorize nem hierarquize pautas, mas que se configure em um espaço de reivindicações diversas.

REFERÊNCIAS

ACKELSBERG, Martha. **Mujeres Libres: El Anarquismo y la lucha por la emancipación de las mujeres**. Barcelona: Virus editorial, 1999.

ANZALDÚA, Gloria. **La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência.** Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 1987 [2005].

BAIGORRIA, Osvaldo (comp.). **El Amor Libre: Eros y Anarquía.** Buenos Aires: Libros de Anarres, 2006.

BAHRI, Deepira. **Feminismo e/no pós-colonialismo.** Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 2013.

BAKUNIN, Mijail. **Estatismo y Anarquía.** Buenos Aires: Libros de Anarres, 1873 [2006].

BARRADO, Jesús M. M. **Anarcofeminismo en España: la revista *Mujeres Libres* antes de la Guerra Civil.** Madrid: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 2003.

BARROS, Mônica S. L. **As mulheres trabalhadoras e o anarquismo no Brasil.** Campinas: Unicamp, 1979.

BHABHA, Homi K. Interrogando a identidade, Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial **in O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

DAVIS, Angela. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia.** s/d. Disponível em <<http://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/c2a0as-mulheres-negras-na-construc3a7c3a3o-de-uma-nova-utopia-e28093-angela-davis.pdf>> Acesso em 11 de setembro de 2014 às 15:22.

GOLDMAN, Emma. **La palabra como arma.** Islas Canarias-Madrid: Tierra de Fuego-La Malatesta Editorial, 2008.

_____. **Viviendo mi vida.** Madrid: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 1928-1931[1996].

HELENE, Diane. **Marcha das Vadias, o corpo da mulher e a cidade.** Rio de Janeiro: UFRJ, s/d. Disponível em <http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/06/redobra11_08.pdf> Acessado em 04 de abril de 2014 às 15:46.

KROPOTKIN, Piotr. **La conquista del pan.** Madrid: La Malatesta Editorial, 1892 [2008].

Marcha das Vagabundas Florianópolis. Florianópolis, 2012. Disponível em <<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasFlorianopolis?fref=ts>> Acesso em 08 de outubro de 2013 às 9:21 hs.

MENDES, Samantha C. **As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo (1889-1930).** Franca: UNESP, 2010.

SHANNON, D.; ROGUE, J. **Recusando-se a Esperar: Anarquismo e Interseccionalidade.** s/d. Disponível em

<<http://muitoalemdoceu.files.wordpress.com/2013/08/recusando-esperar.pdf>> Acesso em 25 de agosto de 2014 às 10:22.

SlutWalk Toronto. Disponível em <<http://www.slutwalktoronto.com/>> Acesso em 08 de outubro de 2013 às 8:15 hs.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart, Marcos Pereira, André Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TOMASSI, Tina. **Breviario del Pensamiento Educativo Libertario.** Colombia: Asociación Artística “La Cuchilla” Cali, 1988.